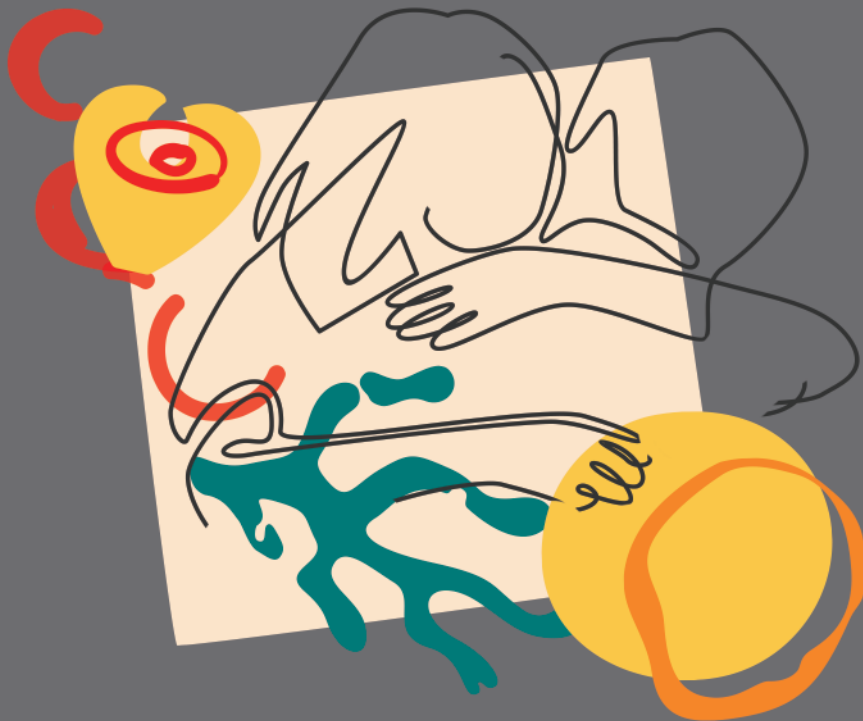
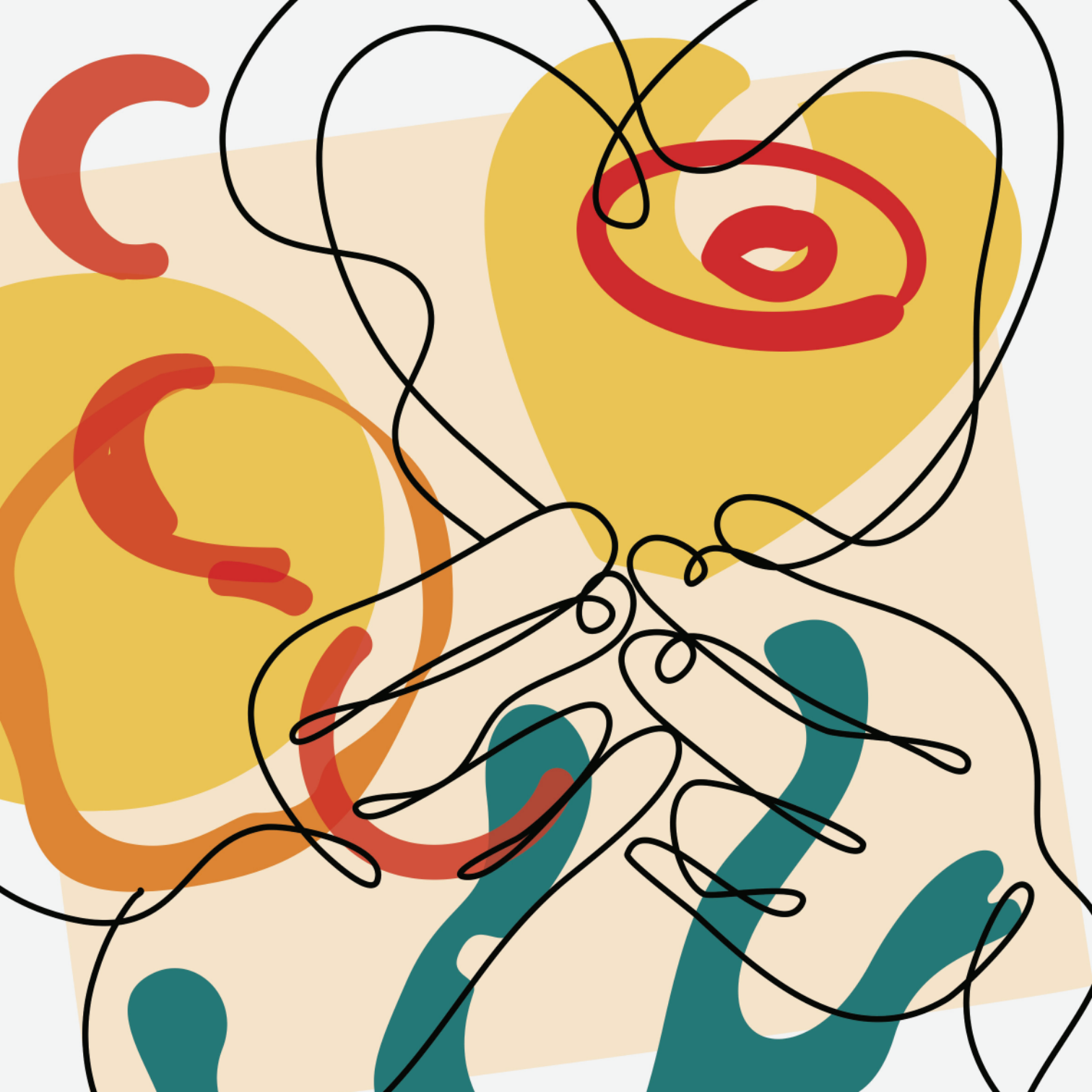


Laços de solidariedade

Organizações Sociais de Varginha



**CÂMARA
MUNICIPAL DE
VARGINHA**



Laços de solidariedade

Organizações Sociais de Varginha

Este livro é uma publicação da
Câmara Municipal de Varginha.

Jornalistas responsáveis:

Gleison Marques - MTB 14958/MG

Mirella Penha - MTB 13314/MG

Gente que faz a diferença

Em cada canto de Varginha, há pessoas que transformam solidariedade em ação. São mãos que acolhem, ouvidos que escutam, corações que se movem pelo bem comum. Onde muitos veem apenas dificuldade, essas pessoas enxergam oportunidade de cuidar, ensinar, alimentar, incluir e inspirar.

O livro ***Laços de solidariedade: Organizações Sociais de Varginha*** nasce para reconhecer quem faz a diferença — associações, fundações, grupos e projetos que, dia após dia, constroem uma cidade mais humana. Cada história aqui contada revela o poder da união e da empatia, mostrando que, quando o propósito é coletivo, o impacto é real.

Ao reunir algumas dessas trajetórias, a Câmara Municipal de Varginha cumpre um de seus papéis mais importantes: valorizar o trabalho social e fortalecer o vínculo entre o poder público e a comunidade. Este livro é, portanto, mais que um registro — é uma homenagem a quem faz da solidariedade uma prática cotidiana e um legado para as próximas gerações.

Você, leitor, é convidado a conhecer de perto essas histórias que se entrelaçam com a própria história de Varginha. Ao virar cada página, você encontrará exemplos de coragem, sensibilidade e compromisso com o bem comum. Encontrará também informação. No primeiro capítulo, o leitor é guiado por uma

breve história das associações e organizações no Brasil e em Minas Gerais. No segundo capítulo, verá de fato os atos e ações em Varginha. Que essas narrativas inspirem novos gestos solidários, despertem olhares atentos às necessidades do outro e mostrem que o cuidado coletivo é o caminho para um futuro mais justo e acolhedor.

Boa leitura!

Um pouco de história

Como nasceu o terceiro setor no Brasil?	08
Sobre a transição de ONG's para OSC's	12
O marco regulatório em Minas Gerais e em Varginha	18

Instituições de Varginha

Alegria – FERMAVI	24
ASPAS	28
Bernhard Johnson	32
Dr. Gilson Beltrão	36
Eu Escolhi Amar	40
Fundação Aprender	44
FUVAE	48
Lar São Vicente de Paulo	52

SUMÁRIO



Nossa Senhora do Rosário	56
Oásis	60
Oficina do Ser	64
Pró-Rim	68
Vila Isabel	72
Vida Viva Varginha	76
3A de Proteção Animal	80

COMO NASCEU O TERCEIRO SETOR NO BRASIL?

A história dos movimentos sociais no Brasil é, em essência, a história das pessoas que nunca se conformaram. Desde o período colonial, quando indígenas e negros resistiram à escravidão e à exploração, até os dias atuais, em que milhares de organizações lutam por direitos, inclusão e dignidade, o país foi moldado por quem acreditou que podia transformar a realidade com união e coragem.

Nos primeiros séculos, a desigualdade era regra. Escravizados, camponeses e mestiços foram os protagonistas das primeiras revoltas — como o Quilombo dos Palmares, a Inconfidência Mineira e Canudos —, que expressavam o desejo

por liberdade e justiça. Ainda que reprimidas, essas lutas lançaram as sementes da cidadania no Brasil.

Com o avanço da República e o início da industrialização, no começo do século XX, surgiram novas formas de organização. A classe trabalhadora se uniu em ligas, associações e sindicatos, reivindicando melhores condições de vida e trabalho. Movimentos como a Revolta da Vacina, as greves de 1917 e a Revolta da Chibata revelaram a insatisfação com um país que crescia, mas mantinha as desigualdades.

Durante o governo de Getúlio Vargas, as políticas trabalhistas deram visibilidade à “questão

social”, e o Estado passou a atuar mais diretamente na vida das pessoas. Ainda assim, a repressão e o controle limitaram as liberdades coletivas. Mesmo nos anos de ditadura militar, entre 1964 e 1985, a sociedade encontrou maneiras de se expressar. Nos bairros e nas comunidades, nas igrejas e universidades, surgiram movimentos populares que buscavam voz e participação.

As Comunidades Eclesiais de Base, os sindicatos renovados e as associações de moradores foram o alicerce de uma nova cultura política — mais participativa e solidária. Desses movimentos nasceram grandes mobilizações, como as greves do ABC paulista e a campanha “Diretas Já”, que marcaram o retorno da democracia.

A Constituição de 1988 foi o grande resultado desse processo. Ela consagrou direitos que haviam sido conquistados nas ruas: o direito à educação, à saúde, à moradia, à assistência social e à participação popular nas decisões do país. Essa nova etapa abriu espaço para que milhares de grupos e organizações se

consolidassem, dando origem ao que hoje chamamos de terceiro setor.


Nos anos 1990, o Brasil viveu o fortalecimento das ONGs, fundações e associações comunitárias. Muitas nasceram dos antigos movimentos populares, outras foram criadas por empresários, educadores e lideranças locais. Juntas, elas passaram a atuar onde o Estado não alcançava — promovendo educação, cultura, saúde, meio ambiente e cidadania. Diferentes entre si, essas organizações compartilham um mesmo valor: o de trabalhar pelo bem coletivo, sem fins lucrativos e com base na solidariedade.

Esse processo transformou a forma de fazer política e de viver a cidadania. A sociedade civil ganhou voz em conselhos, fóruns e projetos públicos. A ação social passou a ser vista não apenas como caridade, mas como participação ativa na construção de uma cidade mais justa.

Hoje, o Brasil abriga uma imensa rede de instituições sociais — cada uma nascida de uma necessidade concreta, de uma dor ou de um sonho. Elas dão rosto humano ao que a socióloga Maria da Glória Gohn chamou de “nova cultura política”: uma forma de organização que une educação, solidariedade e participação para transformar realidades locais.

É nesse contexto que se insere o livro *Laços de solidariedade: Organizações Sociais de Varginha*. Ao registrar as histórias de algumas associações, fundações e grupos da cidade, a Câmara Municipal reconhece a continuidade dessa trajetória nacional de luta e de esperança. Cada instituição aqui apresentada representa um elo dessa longa corrente que começou há séculos e que segue viva em cada gesto solidário.





Essas páginas são um convite para conhecer quem faz da cidadania uma prática diária. Pessoas que, longe dos holofotes, movem a cidade com ações simples e transformadoras.

O caminho dos movimentos sociais no Brasil ensina que as mudanças mais profundas nascem de mãos unidas. Varginha segue essa tradição — de lutar, organizar e acreditar que, juntos, podemos construir uma sociedade mais humana, mais justa e mais solidária.

Fonte:

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor, Rev. Mediações, Londrina, v.5, n.1, p.11-40, 2000.



SOBRE A TRANSIÇÃO DE ONG's PARA OSC's


12

A trajetória das organizações sociais no Brasil revela uma profunda transformação no modo como a sociedade civil se organiza e se reconhece diante do Estado. A expressão ONG (Organização Não Governamental) tornou-se popular nos anos 1980 e 1990, período de redemocratização do país, quando diversos grupos civis passaram a atuar na defesa de direitos e na formulação de políticas públicas. As ONGs representavam, então, o fortalecimento da sociedade civil

organizada, surgida em resposta à ausência do Estado em áreas essenciais e à necessidade de ampliar a cidadania.

Essas organizações se caracterizavam pela autonomia em relação ao poder público e pelo compromisso com causas coletivas — educação, meio ambiente, direitos humanos, assistência social e igualdade de gênero. Eram espaços de resistência e inovação social, sustentadas principalmente por

doações internacionais e pelo trabalho voluntário. O termo, contudo, trazia em si uma limitação: definia essas entidades pelo que não eram — “não governamentais” —, deixando em aberto a compreensão do que efetivamente representavam enquanto expressão positiva da sociedade civil.



A partir dos anos 1990, especialmente com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e o avanço das políticas de participação social, consolidou-se a ideia de um Terceiro Setor, distinto do Estado e do mercado. Esse campo passou a ser visto como essencial para a execução de políticas públicas, num modelo de cooperação entre Estado e sociedade civil. Nesse contexto, o governo buscou regulamentar e reconhecer legalmente as entidades que exerciam funções públicas sem fins lucrativos, criando a





categoria de Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs), por meio da Lei nº 9.790/1999. Essa norma, conhecida como a “Lei do Terceiro Setor”, inaugurou uma nova fase de relacionamento institucional, com regras mais claras de transparência, prestação de contas e parceria.

O marco seguinte foi a Lei nº 13.019/2014, o Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (MROSC), que consolidou o termo OSC – Organização da Sociedade

Civil – como a denominação oficial dessas entidades. A mudança não foi apenas semântica. Ela representou um reposicionamento conceitual e político: em vez de serem definidas pela negação do vínculo governamental, passaram a ser reconhecidas como expressões positivas da sociedade civil, formadas por cidadãos que se organizam livremente em torno de causas públicas. O foco desloca-se do “não governamental” para o “coletivo, participativo e cidadão”.





As OSCs incorporaram, assim, princípios de transparência, impessoalidade, economicidade e moralidade, além da obrigatoriedade de publicarem relatórios financeiros e de atividades. O modelo de “termo de parceria”, criado para substituir convênios tradicionais, buscou simbolizar uma relação horizontal entre Estado e sociedade — de cooperação, e não de subordinação. Essa mudança fortaleceu o controle social e abriu caminho para novas formas de gestão compartilhada de políticas públicas.

A transição das ONGs para as OSCs também reflete uma mudança no papel da sociedade civil. Se antes as organizações eram vistas como contestadoras e alternativas ao Estado, hoje atuam como parceiras na implementação de políticas públicas, preservando sua autonomia e sua vocação transformadora. Essa nova configuração reforça a democracia participativa e valoriza o capital social acumulado por essas entidades, fundamentais para enfrentar desigualdades e promover o desenvolvimento sustentável.



Em síntese, a passagem do termo ONG para OSC simboliza a maturidade institucional e política da sociedade civil brasileira. O que antes era “não governamental” tornou-se “da sociedade civil”: um campo de atuação legítimo, reconhecido por lei, comprometido com o interesse público e essencial à consolidação de um Estado democrático que compartilha responsabilidades com seus cidadãos.

Fonte: OLIVEIRA, Anna Cynthia; HADDAD, Sérgio. As organizações da sociedade civil e as ONGs de educação, Cadernos de Pesquisa, n.112, p.61-88, 2001.



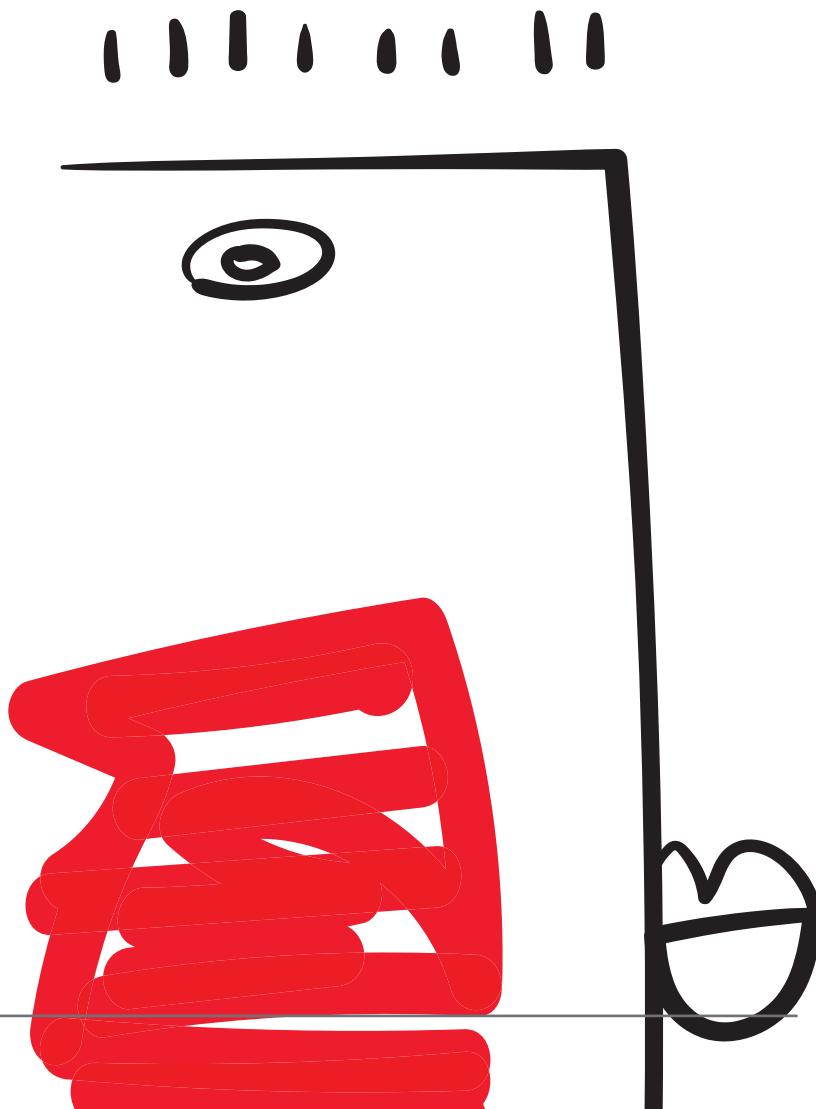
O MARCO REGULATÓRIO EM MINAS GERAIS E EM VARGINHA

Quando o Estado reconhece o valor das organizações sociais, abre espaço para que a solidariedade e o trabalho coletivo floresçam. Como já pontuado, no Brasil, esse reconhecimento ganhou forma com o Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (Lei Federal nº 13.019/2014) — uma legislação que trouxe clareza às relações entre o poder público e quem atua em prol da comunidade. Minas Gerais e o município de Varginha seguiram esse mesmo caminho, criando suas próprias normas para que as parcerias sejam transparentes, justas e eficientes.

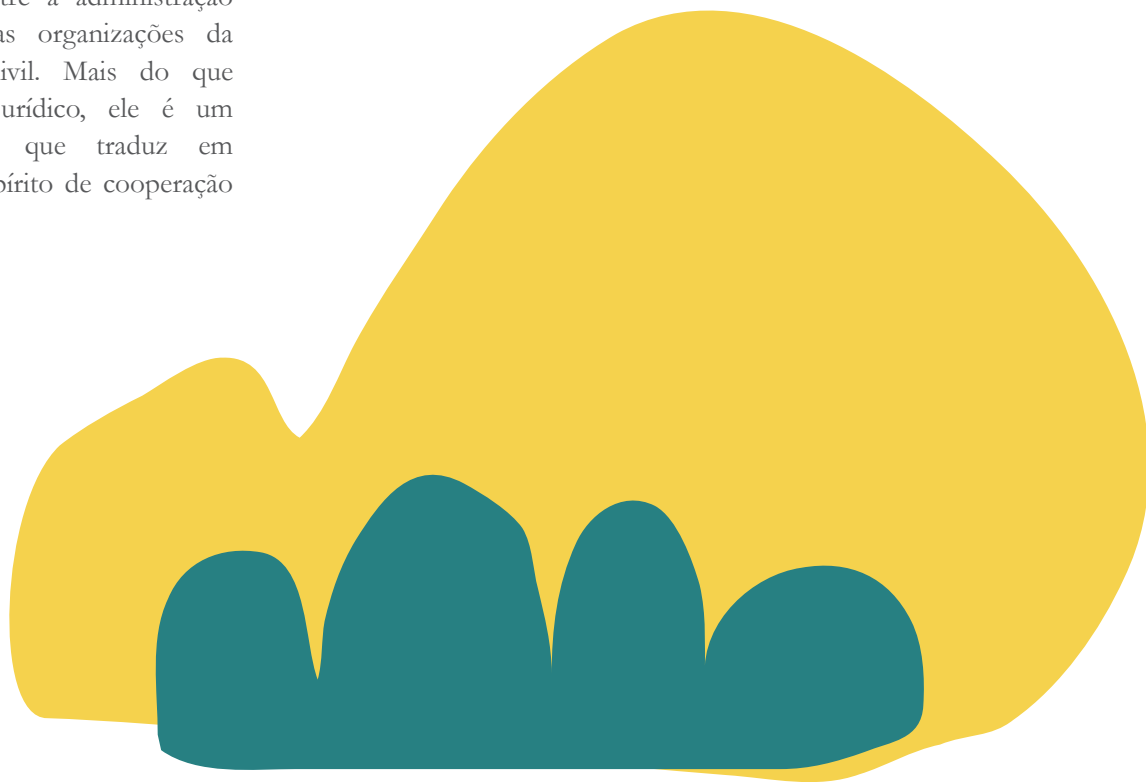
Em Minas Gerais, o Decreto Estadual nº 47.132, de 2017, regulamentou o Marco Regulatório no âmbito do governo mineiro. Essa norma define como o Estado pode firmar termos de colaboração e de fomento com as organizações da sociedade civil, estabelecendo critérios, responsabilidades e instrumentos de controle. A intenção é garantir que cada recurso público investido nas parcerias tenha destino certo e gere resultados concretos.



O decreto também reforça a importância da capacitação — tanto dos gestores públicos quanto dos representantes das organizações — para que todos compreendam os novos mecanismos de gestão, prestação de contas e monitoramento. Dessa forma, o Estado não apenas normatiza, mas também educa e fortalece a rede de solidariedade que sustenta tantas iniciativas em Minas.



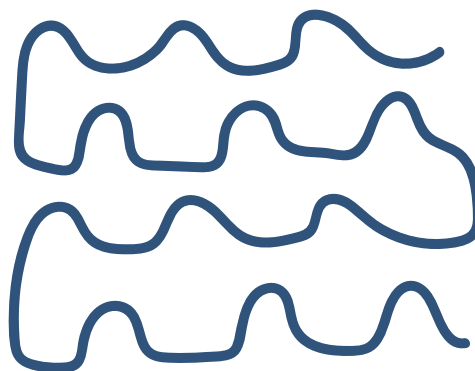
Seguindo esse movimento, Varginha também avançou na regulamentação local. O Decreto Municipal nº 12.027, de 2024, estabelece as regras para as parcerias entre a administração pública e as organizações da sociedade civil. Mais do que um texto jurídico, ele é um instrumento que traduz em prática o espírito de cooperação da cidade.



O decreto municipal prevê três formas principais de parceria: o Termo de Colaboração, o Termo de Fomento e o Acordo de Cooperação — cada um adequado a um tipo de relação entre o poder público e as entidades sociais, com ou sem repasse de recursos.

Todas as etapas devem ser transparentes: desde o chamamento público, que abre oportunidades para diferentes organizações participarem, até o plano de trabalho, onde se definem metas, indicadores e resultados esperados.

O decreto também incentiva a atuação em rede, permitindo que várias organizações se unam em torno de um mesmo objetivo, somando forças e experiências. Essa lógica colaborativa expressa bem o espírito de Varginha: o de uma cidade que cresce quando caminha junto.



Ao adotar suas próprias normas, o município cumpre o que a lei federal e o decreto estadual propõem, mas também afirma sua identidade local. Em Varginha, a regulamentação não é apenas burocracia; é uma forma de garantir que o trabalho das instituições sociais seja valorizado, acompanhado e reconhecido.

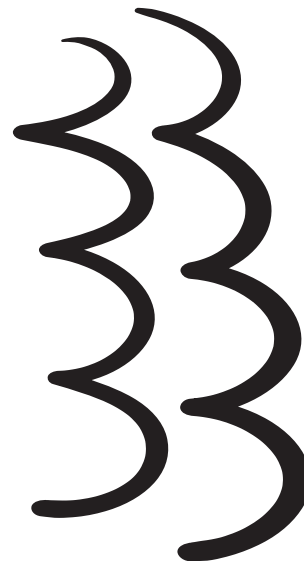
Essas regras dão base para que as parcerias sejam sustentáveis e transparentes, assegurando que cada ação social — grande ou pequena — encontre o apoio e a confiança necessários para transformar vidas.

Assim, o que poderia parecer apenas uma formalidade legal se revela um passo essencial para fortalecer a rede de solidariedade que faz de Varginha uma cidade mais humana. É nesse encontro entre lei e propósito, entre norma e afeto, que o poder público e a sociedade civil constroem, juntos, um futuro mais justo e participativo.

Fontes:

PREFEITURA MUNICIPAL
DE VARGINHA. Decreto nº
12.027, de 10 de junho de 2024.
Disponível em: https://www.varginha.mg.gov.br/portal/leis_decretos/39475/. Acesso em: 27 out. 2025.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DE MINAS GERAIS. Decreto
estadual regulamenta Marco
Regulatório das OSCs. Disponível
em: https://www.almg.gov.br/acompanhe/noticias/arquivos/2017/01/26_decreto_mrosc_curso_escola_legislativo.html#.. Acesso em: 27 out. 2025.



ASSOCIAÇÃO ALEGRIA — FERMAVI

Um olhar atento e cuidadoso faz a diferença em qualquer lugar. Foi assim que a Fermavi, indústria química de Varginha, percebeu uma realidade entre seus colaboradores: muitos tinham dificuldade em escrever o próprio nome. Dessa constatação nasceu o impulso para algo transformador, a criação da Associação Alegria, instituição que hoje é referência em educação e assistência social no município. O que começou com as aulas do Telecurso 2000 oferecidas aos funcionários cresceu e ganhou novas dimensões, chegando aos filhos dos colaboradores e, depois, a toda a comunidade. Atualmente, a Associação Alegria atende diariamente 180 crianças em oito bairros de Varginha. Essa história é contada pela diretora pedagógica da instituição, Lília Mara Rezende de Souza, que se emociona ao falar dos pequenos: “Eles sabem que são amados e nós respeitamos cada aluno individualmente.”



O embrião do projeto surgiu ainda em 1998, quando o fundador da Fermavi, senhor Fernando César Fernandes, e sua esposa, dona Myrian Boves Fernandes, notaram o número de crianças nas ruas do entorno da empresa, então localizada em uma região afastada. O incômodo virou ação: começaram com atividades simples de contação de histórias e aulas de informática, voltadas aos filhos dos colaboradores. Dois anos depois, a iniciativa ganhou forma estruturada e espaço próprio.

Hoje, a sede, construída ao lado da indústria, acolhe crianças do primeiro ao sexto ano da rede pública. No contraturno escolar, elas recebem reforço pedagógico, acompanhamento psicológico, assistência social, alimentação balanceada e acesso a atividades culturais. A rotina é organizada com precisão e afeto: café da manhã, dever de casa, recreação, almoço, troca de roupas antes de seguir para a escola regular. Nada é cobrado das famílias: uniforme,

material escolar e refeições são fornecidos pela instituição.

Além da educação formal, a Alegria tornou-se um espaço de convivência comunitária. Ao longo do ano, eventos como o festival cultural, a festa junina e as homenagens de Dia das Mães e Dia dos Pais reúnem famílias inteiras. “Focamos muito no vínculo familiar”, explica Lília.



O cuidado se estende para além dos muros. Quando uma família apresenta necessidade específica, a assistente social faz visitas domiciliares e busca soluções conjuntas. Há distribuição regular de cestas de alimentos, frutas e legumes, além de apoio médico e odontológico viabilizado por meio de parcerias. Para Lilia, o trabalho vai muito além do pedagógico: é um projeto de transformação social.

Ela própria encontrou, na Alegria, um novo sentido para sua trajetória. Com 25 anos de experiência na educação pública e particular, Lilia chegou à instituição há quatro anos, em meio a um luto pessoal. “Eu vinha da rede municipal e particular. Aqui eu descobri o

social, e descobri também que essa era a minha vocação.” O que antes era um emprego tornou-se missão. “Os 21 anos anteriores foram aprendizado; esses quatro últimos, eu vivi o encontro entre o meu lado profissional e o humano.” Ao falar das crianças, a emoção é inevitável. São histórias difíceis, de infâncias marcadas por privações, mas que carregam sorrisos generosos e gestos de carinho. “Eles chegam com uma florzinha da rua pra te entregar. É simples, mas é amor puro”, diz.





A cada dia, a associação Alegria reafirma o nome que carrega. Com o apoio da Fermavi e a dedicação de 15 profissionais, o espaço se tornou sinônimo de acolhimento e oportunidade. “Aqui ninguém é igual, e é justamente isso que faz tudo ter sentido. A gente respeita cada história”, conclui Lília, com a certeza de quem transformou o trabalho em propósito.

ASPAS — ASSOCIAÇÃO DE PROMOÇÃO E ASSISTÊNCIA NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

Na região sul de Varginha, uma pequena iniciativa da igreja transformou-se em um farol de esperança para centenas de famílias. Foi o padre Rogério Ferreira Silva que, movido pelo olhar atento às necessidades da comunidade, decidiu criar a ASPAS – Associação de Promoção e Assistência Nossa Senhora de Guadalupe. “Ele foi sempre muito ativo na área social”, recorda Luiz Fernando Lopes Barros, hoje presidente da instituição. Luiz Fernando acompanhou de perto cada passo desde 2006, vendo a dedicação e o voluntariado se transformarem em histórias de vida e pequenas grandes vitórias de quem mais precisa.



Nos primeiros anos, a ASPAS se dedicava a múltiplas frentes: trabalhos com idosos, biblioteca, pastoral da criança, vicentinos, qualidade de vida, cultura e até orientação política sem viés partidário. “Conversávamos com os pré-candidatos e, depois das eleições, chamávamos os políticos eleitos para contar sobre seus trabalhos”, recorda Luiz Fernando. Ao longo do tempo, a associação concentrou-se em atender pessoas em situação de vulnerabilidade social, ampliando o cuidado para além do aspecto financeiro. “São idosos, crianças, famílias que precisam de companhia ou de

atenção especial. A vulnerabilidade não é apenas uma carência de recursos financeiros, é ampla”, explica.

Hoje, a ASPAS conta com cerca de 40 associados. “Temos pouquíssima verba própria. Precisamos obrigatoriamente de um funcionário para atendimentos e contabilidade, e ele é custeado pela Paróquia Imaculada”, explica o presidente. As despesas com aluguel, água e luz também são cobertas por parceiros, principalmente pela igreja, com quem compartilha seus espaços e projetos.





Atualmente as atividades se multiplicam entre aulas de violão, musicalização, pintura, macramê, pilates, judô, memorização, roda de conversas, capoeira, dança de salão e ballet para crianças e adultos. A sede principal funciona em um espaço cedido gratuitamente por uma pessoa física, e outros trabalhos são realizados em três locais distintos, incluindo igrejas da região. Um grande sonho está em construção: o Centro Social Santa Terezinha, voltado especialmente para a área mais carente da região. “Esse local era um ponto de tráfico de drogas e prostituição. Hoje, não

mais”, comemora Luiz Fernando, ressaltando a importância da inclusão da comunidade e até de moradores em situação de rua no projeto.

Para ele, a força transformadora da ASPAS se revela nas pequenas mudanças do cotidiano. “Temos voluntários que chegam depressivos e vão se transformando ao coordenar atividades; crianças que, através do judô ou da capoeira, começam a traçar novos caminhos; idosos que redescobrem a alegria e a autonomia em oficinas de pilates ou dança”, exemplifica.

A instituição atende atualmente cerca de 140 famílias diretamente e chega a mais de 1.300 pessoas indiretamente. “Metade da nossa comunidade, cerca de 10 mil pessoas, é impactada de alguma forma pelos nossos eventos e atividades”, estima Luiz Fernando. As ações incluem distribuição de cestas básicas, horta comunitária, distribuição semanal de sopas e alimentos e celebrações como Dia das Crianças, festa junina, Semana da Família, Páscoa e Natal.

Olhar para o futuro significa consolidar o novo espaço e expandir o alcance das atividades. “O Centro Social Santa Terezinha permitirá multiplicar nossas ações, inclusive em parceria com o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), que terá um local para atender a população carente. Queremos trabalhar a educação econômica e promover valores essenciais na comunidade”, projeta o presidente.

Mais do que atender, a associação constrói relações. Luiz Fernando sintetiza a essência da associação: “O que transforma são os vínculos, a convivência, a atenção, o acolhimento. É o cuidado com as pessoas que faz a diferença no dia a dia”, e conclui com a frase que guia o trabalho dos voluntários e colaboradores: “Ninguém é tão bom quanto todos nós juntos!”.



ASSISTÊNCIA SOCIAL BERNHARD JOHNSON

Desde 1977, Varginha conta com a presença silenciosa, mas constante, da Assistência Social Bernhard Johnson, também conhecida pela sigla Asberj. Fundada com o propósito de “promover o bem-estar da pessoa humana, individual e coletivamente”, a instituição dedica-se a atender crianças, adolescentes, idosos e todos aqueles em situação de vulnerabilidade social. À frente desse trabalho desde 1992, o pastor Salvador Antunes descreve a missão da associação com clareza: “A nossa assistência está voltada à criação, manutenção e incentivo de atividades e programas de amparo social, educação, saúde e lazer, direcionados à valorização e ao bem-estar da pessoa humana e da família.”



Entre as realizações da Asberj, destaca-se a Escola Antonette Johnson, inaugurada em 1986. A instituição educou gerações de crianças até o ano de 2021, quando a pandemia impôs dificuldades financeiras e obrigou a transferência da escola para a Prefeitura. Apesar das mudanças, a missão de cuidado permanece

viva: “Atualmente, nosso trabalho está centrado na distribuição de cestas básicas para pessoas carentes e no funcionamento de seis casas de assistência, que cedemos gratuitamente a quem precisa. Nunca temos casas vazias, há sempre uma lista de espera”, conta Salvador.



A associação também atua na oferta de assistência a pessoas com necessidades especiais, incluindo empréstimo e doação de cadeiras de rodas e andadores, além de fornecer medicamentos e suporte médico quando necessário. Todo esse trabalho é mantido exclusivamente com recursos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Varginha, sem dependência de órgãos públicos. “Tudo que fazemos é com o nosso próprio recurso”, ressalta o pastor.

Apesar de hoje a instituição atuar de maneira mais restrita, sem grandes ações de divulgação, a essência de seu compromisso social permanece inalterada. A intenção é clara: ajudar de forma criteriosa, sem buscar notoriedade, apenas atendendo às necessidades da comunidade. Para o futuro, o desejo da Asberj é retomar as atividades educacionais, especialmente voltadas à educação infantil.





A Assistência Social Bernhard Johnson é, acima de tudo, uma presença silenciosa que transforma vidas. Com dedicação e atenção aos mais vulneráveis, constrói, há quase cinco décadas, uma história de solidariedade e cuidado que continua a marcar a cidade de Varginha.

CASA DE APOIO DR. GILSON BELTRÃO



No coração de Varginha, a poucos passos do Hospital Bom Pastor, uma casa se tornou refúgio e esperança para quem enfrenta o tratamento oncológico. É a Associação Terapêutica de Varginha CTV – Casa de Apoio Dr. Gilson Beltrão –, que há mais de duas décadas se dedica à assistência social.



“Hoje nós acolhemos pessoas que fazem o tratamento oncológico. São 52 municípios da região. A casa oferece estadia, alimentação, acompanhamento psicológico para pacientes e acompanhantes, além de empréstimo de cadeiras de rodas, camas hospitalares e outros equipamentos, tudo de forma totalmente gratuita”, relata Matteo Beltrão, presidente da associação e filho do médico Dr. Gilson Beltrão, cuja visão social inspirou a criação da instituição.

A história da Casa de Apoio remonta à prática do Dr. Gilson, que abria as portas de seu consultório e até de sua própria casa para atender gratuitamente pacientes do bairro e da comunidade. “Meu pai tinha um

carinho muito grande com o pessoal da Oncologia, isso há 30 anos, quando havia poucos recursos. Foi daí que surgiu a casa de apoio”, lembra Matteo.

A sede atual, ampla e próxima ao hospital, permite atender pessoas que chegam de ônibus das cidades vizinhas, pacientes que fazem quimioterapia em diferentes horários e aqueles que precisam pernoitar. “Temos quartos para mulheres e homens, alimentação, e até ajudamos com documentação, como cartão do SUS”, detalha Matteo.





A Casa de Apoio mantém uma equipe mista: colaboradores contratados para funções essenciais, como porteiros, atendentes e voluntários dedicados à limpeza e acompanhamento psicológico. O vínculo com quem passa pela instituição é profundo. Matteo conta sobre uma voluntária de limpeza cujo irmão foi atendido pela casa por dois anos: “Ela tem tanta gratidão que voltou a vir três vezes por semana, até hoje, para ajudar. É um trabalho feito com

carinho, sem esperar nada em troca.”

O apoio da comunidade e do poder público também marca a trajetória da instituição. “Temos vereadores que, ao verem a seriedade do trabalho, ajudam com emendas e doações. Este ano conseguimos um veículo para transportar pacientes e recebemos verba para cestas básicas”, explica Matteo, reforçando a importância de parcerias.



Para ele, porém, o maior desejo é conscientizar a sociedade sobre o valor das associações de longa data. “Gostaria de alertar vereadores, prefeitos e pessoas à frente da sociedade para dar mais atenção às associações que existem há 15, 20 anos. São trabalhos sérios, documentados, que ajudam sem olhar a quem. Muitas fecham por falta de recursos e isso é uma perda imensurável para a comunidade.”

A Casa de Apoio Dr. Gilson Beltrão segue, assim, cumprindo o legado de solidariedade do médico que lhe deu o nome: transformando cuidados simples em atos de humanidade, oferecendo abrigo, conforto e dignidade a quem mais precisa, independentemente de origem ou município de procedência.



EU ESCOLHI AMAR



Longe do centro da cidade, em uma comunidade com mais de 1.500 famílias e quase nenhuma atividade social, em torno de uma praça adormecida pelo tempo, começou uma história de transformação. Uma mudança guiada pelo cuidado, pelo vínculo e por um amor que escolhe agir.





Eu Escolhi Amar - Fundada em 2017

A Associação Eu Escolhi Amar nasceu de um grupo de pessoas que decidiu fazer algo concreto pela cidade de Varginha. Seu ponto de partida foi a antiga Casa Lar (conhecida popularmente como orfanato), um espaço de acolhimento para crianças em situação de vulnerabilidade, e seu propósito, tornar os dias dessas crianças mais especiais, cheios de oportunidades e possibilidades. Para a diretora da Associação, Fernanda dos Santos Bruziguessi Porchat de Assis, “a Eu Escolhi Amar surgiu da vontade genuína de oferecer suporte e educação às crianças em acolhimento social.”

A fala da diretora marca sua vocação. O primeiro projeto, ela explica, chamado Você Especial, oferecia às crianças festas de aniversário: bolo, salgados e decoração, tudo pensado para que, mesmo afastadas da família, elas se sentissem protagonistas de suas próprias histórias. Logo, a associação percebeu que o cuidado não poderia se restringir a momentos isolados. Surgiu então o projeto Conexão, que foi criado para promover passeios, palestras e atividades de lazer com acompanhamento psicológico. Em seguida, veio o Recriando, uma estrutura quase escolar dedicada ao reforço acadêmico e social, que mais tarde se expandiu para atender

crianças de toda a comunidade do bairro Novo Tempo. Hoje, a associação mantém mais de 120 crianças em atividades contínuas, que participam de projetos de reforço escolar, musicalização, jiu-jitsu, beach tennis e várias outras atividades. A sede social funciona em um galpão cedido pela Prefeitura, reformado e cuidado pela própria instituição, contando com o apoio da comunidade, que hoje se engaja ativamente: pais voluntários oferecem limpeza, preparo de lanches e manutenção do espaço. Somado a isso, os colaboradores atuam diariamente com zelo e cuidado. Como observa a presidente: “O amor é uma escolha... quando deixa de ser uma escolha e passa a ser obrigação, é hora de refletir.”



A Eu Escolhi Amar também ampliou sua atuação para a infância por meio do Projeto Ian, dedicado a crianças com deficiências e distúrbios de aprendizagem, desde autismo até dislexia e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Diagnósticos que, muitas vezes, passariam despercebidos, recebem atenção individualizada, com acompanhamento de psicólogos, psicopedagogos, fisioterapeutas e especialistas em desenvolvimento

infantil. A associação se tornou, assim, centro de referência no município para o atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), criando oportunidades que antes eram praticamente inexistentes.

Entre as histórias que marcam essa trajetória, está a de um menino que ganhou, pela primeira vez, um tênis novo de presente de aniversário. A reação silenciosa, quase reverente, diante da etiqueta ainda no tênis, revelou a dimensão

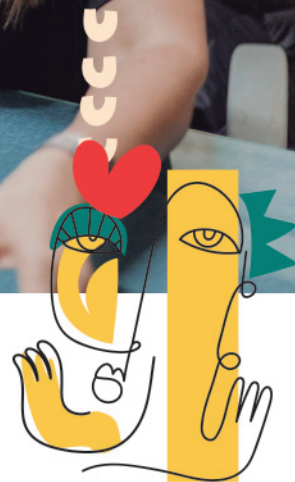
da desigualdade e do impacto que gestos simples podem ter. Cada ação da associação — cada festa, cada aula, cada atendimento individual — constrói laços e transforma vidas.



Sob a liderança voluntária de Fernanda, e com o apoio de uma rede dedicada de coordenadores e colaboradores, a Eu Escolhi Amar não apenas oferece projetos, mas fortalece a comunidade. Pais se tornam voluntários, ex-alunos se tornam padrinhos, espaços antes abandonados se tornam centros de convivência e aprendizado. Mais do que atender necessidades imediatas, a associação planta sementes de cidadania, respeito e inclusão.

Hoje, a Eu Escolhi Amar não é apenas uma instituição, é um exemplo vivo de que a transformação social começa quando se escolhe amar — de forma consciente, diária e sem reservas. É essa escolha que, desde a Casa Lar até o centro de autismo, muda a vida de centenas de crianças e transforma o bairro Novo Tempo em um espaço de cuidado, aprendizado e esperança.





FUNDAÇÃO APRENDER

Sentadas lado a lado, avó e neta se olham e entreolham: “ela é meu braço direito, minha cabeça, minhas pernas”, conta a avó orgulhosa, a professora Júlia Eugênia Gonçalves. Uma breve pesquisa na internet mostra a importância da professora Júlia para a educação no Sul de Minas Gerais. Historiadora e psicopedagoga, é ela quem está à

frente da Fundação Aprender. São anos da vida dedicados à educação de crianças, ao trabalho social e à formação de educadores. Quando pensa no que a Fundação significa para ela, a resposta é rápida: “É a forma que encontrei de retribuir ao Estado tudo que ele investiu na minha própria formação”. Esse espírito coletivo, somado à profunda consciência histórica

e social, faz da professora e da Fundação Aprender protagonistas na transformação de vidas, sempre pela via da educação. Quanto à neta, Maria Fernanda, as coisas não parecem ser muito diferentes. “Eu quero dar continuidade ao legado da minha avó”, diz olhando com carinho para o lado

Criada em 2002, a Fundação Aprender nasceu a partir da doação de um imóvel da família de Júlia, consolidando-se depois como uma organização social de direito privado, com títulos de utilidade pública estadual e municipal, este último concedido pela Câmara de Varginha. Desde sua inauguração, a instituição desenvolve projetos voltados à Psicopedagogia, com destaque para o atendimento pedagógico e terapêutico a crianças com dificuldades de aprendizagem. Atualmente, dois projetos patrocinados pelo Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Varginha (CONDEDICA) atendem gratuitamente diversas crianças: o “Aprender em Duplas” e o “Psicoacolhimento”.

E vai além. Por meio do projeto “Leva e Traz”, a Fundação também incentiva a leitura na cidade com a instalação de 21 pontos de troca de livros. Ao lado desta iniciativa, o “Clube da Aprendizagem” forma uma comunidade de psicopedagogos e educadores, oferecendo cursos

e oficinas e um congresso anual, promovendo conhecimento e práticas inovadoras em educação. A maior parte dessas atividades é conduzida por voluntários, enquanto os profissionais remunerados ajudam a manter a estrutura da Fundação. O projeto Clube da Aprendizagem conta com associados em todo o país. A assinatura tem valor simbólico, mas é fundamental para a manutenção da instituição, além disso garante aos participantes diversos benefícios. Há também uma parceria com a FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão, Informática e Educação –, que possibilita à Fundação Aprender oferecer cursos de pós-graduação na área da Educação e, ao mesmo tempo, obter subsídios para a instituição.





Para Júlia e Maria Fernanda, a Fundação Aprender é um espaço de reconhecimento e pertencimento. Muitos professores e educadores que passam pela instituição veem suas vidas transformadas, assim como as crianças podem ser atendidas nas necessidades de aprendizagem mais básicas. Uma história recente ilustra bem essa transformação: a alegria e emoção de uma menina de 11 anos que conseguiu, com o projeto “Aprender em Duplas”, a ler suas primeiras palavras. “Ela aprendeu a ler aqui conosco e isso nos traz muita alegria. A leitura dignifica o homem”, afirma com coragem a professora Júlia.



Ao serem questionadas sobre o futuro da instituição, elas respondem de pronto: querem ampliar o alcance da Fundação, atender mais crianças e adolescentes, fortalecer os vínculos com órgãos públicos e a comunidade, além de expandir

a atuação para adultos e idosos, área em que Júlia tem se dedicado como pesquisadora e autora de livros. A Fundação Aprender é, assim, um legado vivo, que transforma vidas pela educação, mantendo-se fiel ao espírito de solidariedade e retribuição social

que guiou sua criação. Nada disso seria possível sem a força e visão de uma professora. Nada disso seria possível sem a força do afeto entre avó e neta.



FUVAE — FUNDAÇÃO VARGINHENSE DE ASSISTÊNCIA AOS EXCEPCIONAIS

Na Fundação Varginhense de Assistência aos Excepcionais (FUVAE), a rotina é tecida de pequenas vitórias que se transformam em grandes projetos. Fundada para acolher, educar e reabilitar pessoas com deficiência, a instituição se tornou um espaço onde limites são questionados todos os dias e onde cada conquista é celebrada como um ato de crença no potencial de cada um.

Arllei Vitor da Silva, coordenador de recursos humanos, fala com a serenidade de quem já testemunhou o improvável acontecer. Entre os corredores, há histórias que merecem ser contadas. Uma delas é a de Paulo Gabriel, um homem de 30 anos, autista e não verbal, que passou a vida dentro de casa. Foi na FUVAE que ele teve, pela primeira vez, a oportunidade de trabalhar. A equipe acreditou que ele poderia — e ele pôde. “Nós o incluímos no mercado de trabalho, e foi incrível ver como ele se desenvolveu, como o mundo se abriu para ele”, conta Arlleí.

Outra lembrança que o coordenador traz com emoção é a de uma menina que não andava. A equipe de fisioterapia dedicou meses de trabalho incansável até o dia em que decidiram surpreender a mãe. Como de costume, ela chegou para buscá-la e, pela primeira vez, viu a filha vir caminhando pelo corredor. “A mãe chorou muito. A expectativa era de que ela nunca fosse andar. Mas ninguém aqui acredita no nunca”, diz Arlleí.





Essas transformações são resultado de um trabalho de equipe que envolve cuidado, técnica e, acima de tudo, amor.

Na FUVAE, cada passo é coletivo. Médicos, fisioterapeutas, psicólogos, professores e terapeutas ocupacionais formam uma engrenagem humana movida pela dedicação. “Temos profissionais em todas as frentes: professores, orientadores sociais, terapeutas ocupacionais, sete psicólogos, sete fisioterapeutas

e seis médicos — entre eles neurologista, neuropediatra, ortopedista e psiquiatra. É uma equipe clínica muito forte”, explica.

O trabalho exige persistência. Nada ali acontece de um dia para o outro. É o tipo de missão que só se sustenta quando há vocação. “Aqui, não dá pra ter alguém que não goste do que faz. É preciso acreditar até o fim, mesmo quando parece impossível”, afirma Arlei.

O coordenador pontua este espírito de perseverança relembrando o nome de Kátia Nogueira Paiva Campos (*in memoriam*), que dirigiu a FUVAE por três décadas. Reconhecida pela dedicação à causa da pessoa com deficiência, ela ampliou parcerias, fortaleceu o atendimento e manteve as portas da instituição sempre abertas. Seu legado segue presente no compromisso diário com a inclusão e o cuidado, e seu nome é sempre lembrado por toda a comunidade.

No coração da FUVAE, o que se constrói vai além da reabilitação física ou cognitiva: é dignidade, pertencimento e a certeza de que o ser humano pode mais do que o diagnóstico, diz. Em cada história, em cada conquista, a fundação reafirma sua crença na força do cuidado e na potência da esperança — essa que faz o impossível aprender a andar.





LAR SÃO VICENTE DE PAULO

Com a chegada de uma certa idade, encontrar um lugar para chamar de lar, com carinho e atenção, pode ser tarefa difícil, sobretudo àqueles que vivem em estado de vulnerabilidade social. Quando vivem sozinhos em casa, algumas dificuldades se apresentam: levantar-se, alimentar-se, ter com quem conversar. E a solidão se torna vilã. Diante dessa realidade que atinge muitos brasileiros, o presidente do Lar São Vicente de Paulo, José Daniel Moura de Sousa, explica como o afeto pode

transformar vidas. Para ele e para a gestora da instituição, Thais Mendes Pereira, o Lar São Vicente é de fato um lar e os verdadeiros moradores são os idosos lá acolhidos. “Eles são os donos da casa. Nós estamos aqui para servi-los”, conta com esperança o presidente. Logo depois, completa sua fala parafraseando o patrono da instituição, São Vicente: “Os pobres e os carentes são nossos senhores. É para eles que nós trabalhamos, é a eles que servimos. E eles se sentem muito bem aqui”.

Com mais de noventa anos de existência, o Lar São Vicente é uma das instituições mais antigas e respeitadas de Varginha. A instituição nasceu do trabalho vicentino inspirado pela caridade cristã e, ao longo do tempo, foi se transformando — de um antigo asilo para uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, as chamadas ILPIs. Hoje, é a única da cidade sem fins lucrativos. “Nosso trabalho é voltado ao idoso em situação de vulnerabilidade social, aquele que não tem condições financeiras ou familiares de receber os cuidados necessários em casa”, explica Thais.

O espaço, cedido pela Sociedade de São Vicente de Paulo, abriga atualmente cerca de 67 moradores e conta com uma equipe de 55 profissionais — entre cuidadores, técnicos e auxiliares de enfermagem, enfermeiras, fisioterapeuta, nutricionista, psicóloga, assistente social, colaboradores na cozinha, limpeza, manutenção e administrativo. Todos

compartilham a mesma missão: garantir dignidade e vida ativa aos idosos. “Aqui eles moram, convivem, participam de oficinas, fazem atividades físicas, dançam, cantam. Através de parcerias, eles também têm aula de informática e participam de terapia assistida por animais. Trabalhamos para que eles tenham uma vida cidadã e feliz”, diz com orgulho a gestora do Lar.



O cuidado, no entanto, vai muito além da rotina de banho, alimentação e medicação. Ele se traduz em vínculo. “A base é o carinho e o afeto”, reforça José Daniel. “Muitos chegam aqui muito carentes, não só de dinheiro, mas de convivência. E nós procuramos dar: conforto emocional, físico e espiritual.” Thais complementa: “Para nós, isso é natural. Não é algo imposto. É como estar com sua avó. Você chega, conversa, dá atenção. Eles são como família para nós, e nós somos família para eles.”

As histórias que nascem ali são de transformação. A gestora, por exemplo, conta a história de uma idosa que chegou acamada, alimentando-se por sonda, e hoje

dança forró com o fisioterapeuta. “Esses são os nossos casos de sucesso”, diz sorrindo. “Temos idosos que chegam debilitados e, em poucos dias, voltam a andar, a cantar, a viver. É gratificante ver a saúde e a alegria voltarem junto com o afeto.”





Além do cuidado cotidiano, a comunidade de Varginha também tem papel essencial na história do Lar. “O Lar São Vicente é do povo de Varginha”, afirma José Daniel. “Não é da igreja, nem da diretoria. É um bem do povo. A cidade abraça a causa. A Prefeitura, a Câmara, as empresas, todos ajudam. Se dependêssemos só de doações pessoais, seria difícil. Mas, graças a Deus, a sociedade é muito parceira”. E é assim que, a cada dia, o Lar reafirma o sentido da palavra que carrega no nome: vicentino, aquele que serve com amor.

ASSOCIAÇÃO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

“O maior gesto de amor é dar a vida pelos amigos”. É assim que o Padre João Batista resume a motivação que guia a Associação Nossa Senhora do Rosário. Presidente da instituição, ele explica que, por trás dos trabalhos ali diariamente realizados, existe sobretudo uma motivação religiosa, pautada sempre pelo espírito da caridade. As palavras de explicação do pároco sobre como atua a instituição saem com intenção e firmeza. Quando ele relembra o primeiro mandamento da lei cristã - “amar o próximo como a ti mesmo” -, as palavras firmes se transformam em gentileza e docilidade. Essa combinação de caridade e cuidado com o próximo está presente no dia a dia da associação e na forma de trabalhar de todos os colaboradores.





A Associação Nossa Senhora do Rosário nasceu oficialmente no ano de 1994, fruto de uma iniciativa da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, que buscava criar um espaço organizado para ações sociais e educacionais voltadas às famílias em situação de vulnerabilidade na região norte de Varginha. Desde o início, a associação se estabeleceu como um braço social da paróquia, organizando não apenas doações e cestas básicas, mas também atividades que estimulam a educação, a cultura e o desenvolvimento pessoal de crianças, adolescentes e adultos. Em 2025, a instituição atende

2.195 famílias, distribuídas em um território que abrange 7.849 endereços e aproximadamente 30 mil habitantes, incluindo nove comunidades urbanas e três rurais. Para alcançar esse público, a associação mantém uma equipe de 11 colaboradores fixos, além de cerca de 15 voluntários e quase 300 agentes das Pastorais Sociais, que atuam motivados por sua fé e pelo desejo de transformar vidas: “existem pessoas cristãs, que vivem a sua fé mediante esse trabalho mais caritativo”, explica o pároco.

Entre as ações mais visíveis está o Recanto Criança Feliz, espaço

dedicado a oficinas e atividades práticas que vão de aulas de informática, violão, ballet e zumba a práticas esportivas como capoeira e taekwondo. O local também abriga atendimentos psicológicos e consultas odontológicas, em parceria com a Secretaria de Saúde do município. Para as mães gestantes, o Grupo Coração Solidário oferece apoio por meio da confecção de enxovais e do fornecimento de recursos essenciais, beneficiando, ao longo dos anos, quase quatro mil mulheres.

A associação mantém ainda o banco de alimentos, que organiza e distribui mensalmente cerca de 136 cestas básicas e 1200 fraldas geriátricas, priorizando as famílias conforme triagem realizada por assistentes sociais da paróquia em parceria com o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social). Em todos esses projetos, o envolvimento da comunidade é importante: “a comunidade mantém os seus projetos com as suas doações, seja de alimentos, roupas ou brinquedos”, observa o padre, destacando a parceria de empresas locais em datas como Natal e Páscoa.





A expectativa da associação é manter a continuidade das ações, adaptando-se às necessidades da comunidade e fortalecendo o desenvolvimento humano: “nosso desejo é que eles cresçam como pessoa, como ser humano, se tornem bons pais de família e escolham sua vocação”. Mais do que uma instituição, a Associação Nossa Senhora do Rosário é um espaço de acolhimento, educação e transformação, onde a fé e a solidariedade se encontram diariamente, e cada gesto de cuidado tem o poder de mudar vidas.



ASSOCIAÇÃO OÁSIS

A história da OÁSIS nasce do desejo genuíno de ajudar. Desde os 8 anos de idade, em Poços de Caldas (MG), a fundadora da instituição, Celma Figueiredo Vilela, conviveu com uma família cujos dois filhos desenvolveram uma doença degenerativa que os tornaram paraplégicos. Foi esse o impulso que se tornaria, mais

tarde, a base de toda a sua trajetória. Décadas depois, formada em Magistério, Matemática, Psicopedagogia Clínica e Institucional, Celma transformou essa vocação em propósito. Em 1998, já morando em Varginha, decidiu abrir as portas da própria casa para acolher pessoas com deficiência e em situação de

vulnerabilidade. Assim nascia a OÁSIS — Organização de Assistência e Serviços Integrados aos Sujeitos com Necessidades Especiais —, um espaço de aprendizagem, convivência e reabilitação sustentado pelo afeto e pela solidariedade.

O público sempre foi diverso: crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, sendo que o mais velho chegou ao local aos 107 anos de idade. Ele e outros idosos vinham toda semana do Lar São Vicente de Paulo. A entidade cresceu, conquistou voluntários e uma equipe interdisciplinar: psicopedagogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais, musicoterapeutas e massoterapeutas. “Sempre foi um trabalho muito amoroso, íntegro e eficiente. Sem discriminação de idade, cor, raça, sexo ou religião. Eu mesma deixei meus empregos para fundar a OÁSIS”, conta Celma, que realiza ainda trabalho voluntário.

A sede própria, inaugurada em 2016, começou a ser construída graças à união da comunidade. O terreno foi doado e a obra levou nove anos para ser concluída, sustentada por bingos, rifas e jantares beneficentes. Construtoras, empresas e cidadãos comuns ajudaram também com doações.



Hoje, a OÁSIS segue firme, oferecendo atendimento gratuito a crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos com deficiência, além de jovens em situação de vulnerabilidade. Eles participam de projetos culturais socioeducativos de Inclusão Digital e Acessível, de esportes adaptados em Paralimpíada, de culinária alternativa, artesanato e música (percussão, violão e fanfarra). Além disso, há ainda os projetos ambientais de Fitoterapia, com trilhas sensoriais e atividades em meio à natureza no anexo da instituição. “Nosso espaço sempre foi um lugar de experimentação. As pessoas aprendem caminhando, ouvindo, degustando, sentindo e convivendo, o que também fortalece o vínculo comunitário”, resume a fundadora. Muitos chegam considerados “difíceis”, mas ali reencontram afeto e pertencimento. Na área da Educação, a OÁSIS mantém o CAEE Elza Maranezi de Figueiredo, Centro de Atendimento Educacional Especializado, que acolhe alunos da rede estadual, municipal e bolsistas das escolas particulares.



O público atendido inclui estudantes com dificuldades de aprendizagem e de adaptação relacionadas a Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) TEA, TPAC, TOD, TDAH, Dislexia, Altas Habilidades e deficiências múltiplas.



Associação Oásis - Fundada em 1998



Reconhecida pelo impacto social de seu trabalho, a OÁSIS recebeu, em 2015, a Medalha da Ordem do Mérito Legislativo do Estado de Minas Gerais. Atualmente, conta com uma equipe de profissionais contratados por meio de recursos obtidos em editais e da captação junto aos Conselhos Municipais de Varginha, como o COMIVA e o COMDEDICA. Mesmo com essa estrutura consolidada, a instituição mantém espírito solidário e voluntário, atributos que marcaram sua origem. Para Celma, “a Oásis é a prova viva de que Deus existe”.



OFICINA DO SER

A conversa iniciou com a seguinte comparação: o indivíduo é como uma louça japonesa que, quando quebrada, é reparada com fios de ouro. É assim que Max Tovar, presidente da Oficina do Ser, define o trabalho feito ali com as pessoas, um trabalho de formiguinha que ajuda o ser humano a se encontrar em sua plenitude. Ao lado de dona Margarida Maria Juventino, beneficiada da

instituição, Max explica: “a oficina nasceu dessa visão terapêutica de ajudar o indivíduo a juntar as suas partes quebradas para que ele possa encontrar um valor mais poderoso nele mesmo”. Ouvindo estas palavras, bem ao lado, dona Margarida simplesmente sorri, concordando com o valor poderoso que a instituição tem na sua vida.



Fundada há mais de três décadas, a Oficina do Ser surgiu de um sonho: levar às comunidades o mesmo processo terapêutico que Max aplicava individualmente em seus atendimentos. “Há 32 anos eu pensei: como esse método que eu trabalho terapeuticamente poderia ser útil para a comunidade?”, conta ela. Assim nasceu o que viria a se tornar um território de escuta, acolhimento e transformação.

Instalada em um bairro de grande vulnerabilidade social da cidade de Varginha, a instituição construiu o seu espaço com a ajuda de voluntários. “Recebemos a sede sem telhado, toda quebrada. Reformamos com a ajuda de colaboradores, amigos e parceiros. Hoje temos uma sede bonita, com parquinho, piso bom e um ambiente acolhedor”, relata Max.

Entre os pilares que sustentam o projeto, estão a educação, a cultura e a sustentabilidade. O primeiro aparece em oficinas de formação e autoconhecimento: yoga, arteterapia, círculos de mulheres, música, corte e costura, teatro e dança. “Nosso objetivo é criar um lugar seguro, onde cada pessoa possa ser acolhida e se sentir confiante”, diz.

É nesse ambiente que histórias como a de dona Margarida florescem. “Quando eu cheguei, há cinco anos, estava derrubada, acabada, depressiva”, conta. “Particpei de aula de violão, fiz teatro — que eu nunca imaginei que seria capaz — e agora estou até na informática. Aprendi a mexer nesse teclado que eu nem sabia pra que servia.”

Para Max, esse é o verdadeiro sentido de educar: quando o aprendizado se multiplica. “Quando uma pessoa melhora e aprende, ela quer ensinar outra. Não precisa ser um professor formado: amanhã ela já pode ser uma educadora”, afirma. É o conceito que dá nome à metodologia desenvolvida pela instituição — Território Educador —, baseada na ideia de que cada sujeito pode transformar o espaço em que vive.



A sustentabilidade, outro pilar, é trabalhada em duas frentes: o alimento e a renda. “É ensinar o prazer de pegar um tempero da sua própria casa”, explica Max. Já a geração de renda é pensada através de cursos profissionalizantes. Com o Senac, por exemplo, há parcerias que incentivam o conhecimento em tecnologia – como oficinas de informática.

Os desafios, no entanto, permanecem. “É uma luta todos os dias para manter o espaço, conseguir recursos, pagar as

pessoas que trabalham aqui”, admite Max. Ainda assim, ela não desanima. “Sou ambiciosa nesse sentido, porque sei o quanto isso impacta a vida das pessoas. É só olhar para a dona Margarida e ver a transformação que aconteceu”.

A fala de dona Margarida, inclusive, parece resumir o que a instituição pode proporcionar: “Aqui é uma bênção de Deus na minha vida. Eu achei que não ia dar conta, mas aprendi. E agora eu já quero ensinar o outro.”



ASSOCIAÇÃO PRÓ-RIM

Três... é o número de vezes que D. Cristina vai semanalmente à clínica Nefrosul para cumprir seu encontro obrigatório com a máquina da hemodiálise. É ela que faz – e para sempre fará – D. Cristina viver. Isso porque a mulher de 44 anos não atende aos critérios médicos exigidos para receber a doação de um novo rim. Com os olhos marejados, ela conta que recebeu a notícia de que seu caso não é de transplante. O

relato, no entanto, é atravessado por um profundo sentimento de gratidão: “Mas a Pró-Rim é uma mãe na minha vida”, diz esperançosa. A instituição, voltada ao auxílio e cuidado de pacientes renais crônicos e transplantados, ajudou D. Cristina em muitas das suas necessidades médicas: transporte ao Hospital, medicamento, acolhimento. Ao contar sua história, a paciente conta também a da instituição.



A Associação Pró-Rim nasceu desse impulso de solidariedade. “Tudo começou há 21 anos quando meu irmão doou o rim para mim”, relembra Daniela Brito Cândido Tosi, atual presidente da entidade. Foi ele quem se sensibilizou com a realidade dos pacientes renais. A partir daí, um grupo de voluntários se formou com o apoio de um médico nefrologista da clínica Nefrosul. As primeiras reuniões aconteciam em casas e salas emprestadas, até que veio a grande conquista: a doação do terreno onde seria construída a sede. “A gente construiu tudo com doação”, recorda Daniela com orgulho.



De lá para cá, o trabalho cresceu. A sede, localizada em frente à clínica de hemodiálise, funciona como um ponto de apoio para pacientes e acompanhantes de cinco municípios. “Enquanto o paciente faz hemodiálise, o acompanhante fica aqui, tomando um café, descansando um pouco. A gente doa cesta básica, suplemento, empresta cadeira de rodas e de banho, faz o transporte de quem não tem como vir. Nossa van busca e leva os pacientes até em casa.”

Hoje, cerca de 140 pessoas são atendidas pela associação e 90% passam pela Pró-Rim em algum momento do tratamento. O cuidado vai além: há celebrações mensais, campanhas de conscientização e gestos simples que transformam o cotidiano dos pacientes. “Nos dias de lanche, a gente traz cabeleireira, maquiadora, às vezes alguém pra tirar sobancelha. Eles adoram. São pequenas coisas que mudam o dia deles”, conta Daniela.



Mas é nas histórias individuais que o trabalho da Pró-Rim se mostra em sua plenitude. Daniela se emociona ao relembrar o caso de uma família marcada pela mesma doença renal hereditária. “A mãe fazia hemodiálise, foi transplantada, mas acabou falecendo por outras comorbidades. Dos três filhos, dois conseguiram transplantar com ajuda do nosso médico em São Paulo. A irmã transplantou primeiro e, enquanto ela ainda estava no hospital, saiu um rim pro irmão. Levamos ele até lá, e os dois transplantaram no mesmo período”.

Histórias como essa dão sentido ao trabalho da associação. A expectativa da instituição é continuar ajudando, continuar acolhendo, ampliando ainda mais o cuidado com atendimento psicológico, com fisioterapeuta e nutricionista. O sonho que nasceu de uma doação, e de um gesto de fé, segue ajudando vidas.



ASSOCIAÇÃO VILA ISABEL



No bairro Vila Isabel, em Varginha, pulsa um campo que vai muito além do futebol. Ali, histórias de amizade, dedicação e perseverança se entrelaçam desde 1983, quando um grupo de amigos começou a se reunir para jogar em um campo de terra. Era o início do que se tornaria, anos depois, a Associação Vila Isabel.





“Começou com o Seu Nilson Roberto e depois, em 1986, chegou o Geraldo Benedito, técnico de futebol, uma figura muito conhecida e respeitada no esporte da cidade”, lembra Glayci Junqueira, diretora financeira e administrativa da associação. Com a chegada de Ajemilson do Carmo, jogador e atual diretor conselheiro, em 1993, o cuidado com o campo se intensificou. Portões foram construídos, banheiros e arquibancadas foram erguidos, tudo com recursos próprios, enquanto o terreno, antes alvo de vandalismo, começou a ganhar vida. Logo, surgiu a escolinha de futebol, destinada a crianças de 7 a 15 anos, que chegou a reunir até 100 alunos. Em 1997, o time ganhou oficialmente o nome Vila

Isabel, conquistando quatro vezes o campeonato Bairrão e outros títulos municipais.

“Hoje acolhemos crianças de toda a cidade. Queremos formar a base do futebol de Varginha, mas também temos o time adulto, que continua ativo. Cuidamos do campo com muito carinho, e ele é hoje um dos mais bonitos da cidade”, diz Glayci. A associação, agora legalizada, recebeu moções de aplauso e o título de utilidade pública, além de promover campeonatos internos e colaborar com a Prefeitura na manutenção da infraestrutura.

A atuação da Vila Isabel vai além das quatro linhas. Além das aulas de futebol, a associação oferece lanches, realiza festas de Dia das Crianças e Natal e exige como regra o bom rendimento escolar, incentivando a educação junto ao esporte. “O objetivo maior da associação é abraçar as nossas crianças, tirá-las da rua e trazê-las para o esporte, cobrando através disso o estudo delas”, afirma Glayci.

O vínculo comunitário é profundo. Pais, mães e vizinhos se engajam e muitas crianças que passaram pela escolinha hoje integram o time adulto. “O maior exemplo de que nosso trabalho dá resultado é que nosso time adulto é formado pelas crianças do passado. E agora,

os filhos deles também estão na escolinha. Para mim, essa é a maior recompensa”, comenta Glayci.

A trajetória pessoal de Glayci se confunde com a da associação. Crescida entre os gramados e influenciada pelo pai, Gilberto Junqueira, árbitro e dono de time, ela se tornou diretora da Vila Isabel, comandando o time e superando os desafios de ser uma mulher à frente de um time de futebol amador. “Quem joga pelo Vila Isabel é por amor, amor à camisa. Nós nos consideramos uma família, a família do futebol”, diz com orgulho.





A associação depende totalmente do voluntariado e de recursos próprios. Com planos de expandir a escolinha, formar times de base e criar uma escolinha de goleiros, a meta é oferecer mais oportunidades para as crianças e ampliar o alcance do futebol de Varginha. Glayci também sonha com o apoio de empresas e do poder público para apadrinhamento de alunos, fornecimento de materiais esportivos e melhorias na infraestrutura, incluindo a construção de sede e vestiários.

A Associação Vila Isabel é, assim, muito mais do que um campo ou um time: é um espaço de transformação social, de formação de cidadãos e de preservação de uma tradição que atravessa gerações, deixando um legado que ressoa na vida de crianças, adultos e toda a comunidade.

VIDA VIVA VARGINHA

Uma pequena pausa para arrumar o cabelo e um sorriso cativante, é assim que dona Meryvone Mansur Biscaro se apresenta. E é assim também, com seu jeito carismático e afetuoso, que ela dirige há mais de 28 anos a Vida Viva Varginha, fundação assistencial dedicada a oferecer acolhimento e tratamento a pacientes oncológicos em situação de vulnerabilidade social. A conversa com dona Meryvone tem sabor de conversa de vó - o papo vai longe, a doçura na fala, as certezas que só a experiência proporciona. Guiada por esse espírito acolhedor, ela está à frente da associação desde que seus pais, pacientes oncológicos, um dia precisaram de tratamento. Agora, em meio a construção da terceira sede, a presidente se emociona: “eu chego na porta da Vida Viva e vejo que está maravilhosa.”



Foi a dor familiar que acendeu a chama da associação. “Meu pai e minha mãe tiveram câncer em 1988. Eu via o trabalho de voluntários e pensava: ‘é isso que eu quero fazer’”, relembra. A inspiração veio de um gesto simples — a mãe, mesmo diante de presentes caros, preferia o que era entregue pelas mãos voluntárias. “Ela queria o que a voluntária levava. Eu vi o bem que aquilo fazia”, conta.

Assim nasceu o impulso que, anos depois, se transformaria em uma das instituições mais reconhecidas da cidade. Em 1994, quando a oncologia começou a funcionar em Varginha, o chamado veio. Desde então, a fundação cresceu. O que teve início com poucos atendimentos transformou-se, em 2025, em uma rede que acolhe mais de 33 mil pacientes de 52 municípios. Empresas e comércios locais tornaram-se grandes aliados da instituição, contribuindo de

maneira constante para o bem-estar de quem recebe os cuidados.

O cotidiano da Vida Viva é marcado pelo acolhimento integral, do corpo e da mente. A fundação oferece medicamentos, suplementos alimentares, fraldas, camas, cadeiras de rodas e acompanhamento psicológico e jurídico. “Eles saem desesperados da oncologia com uma receita cara. O remédio oncológico é muito caro, então nós damos tudo para o paciente vulnerável”, explica.





A estrutura é sustentada por 32 colaboradores e os voluntários, além de uma rede de doadores que confiam na idoneidade da fundação. “O que eu mais primo é o nome. Se a gente perder o nome, perde tudo”, afirma d. Meryvone com empenho no olhar. As parcerias com o comércio local, empresas e até grandes marcas nacionais ajudam a manter o trabalho. “A gente presenteia os pacientes em todas as datas,

porque o objetivo principal é fazer valer os direitos do paciente”, resume.

Mas é no cuidado humano que está a essência do projeto. “Lá o objetivo é fazer o paciente feliz”, diz com emoção. E lembra de um momento que a marcou: “Um paciente me disse: ‘Dona Mery, eu sou um homem realizado. Onde eu sou verdadeiramente feliz é aqui’. Eu chorei de felicidade”.



Nas atividades diárias — bingos, danças, música, artesanato —, o riso e a convivência viram remédio. “A gente é uma família. Essa carência de atenção é muito maior do que a carência financeira”, afirma.

A nova sede, em construção, representa um sonho coletivo. “Cada saco de cimento que chegava me emocionava. Foi feito com muito amor”, diz. As emendas impositivas, o apoio da Câmara e o trabalho incansável de voluntários e doadores sustentam a obra. “Quando eu vejo, penso: valeu a pena”, completa. Com orgulho e fé, Meryvone define a instituição com simplicidade: “Eu tenho quatro filhos. A Vida Viva é o meu quinto.”



3A DE PROTEÇÃO ANIMAL

Nas ruas de Varginha, há olhos que pedem socorro em silêncio. São cães, gatos e, mais recentemente, cavalos, que vagam entre o descaso e a sobrevivência. É por eles que a Associação Amiga dos Animais, a 3A, nasceu. Criada há cerca de três anos, a instituição surgiu da união de protetores e simpatizantes da causa animal que decidiram transformar a indignação em ação. “A gente queria lutar por políticas públicas, porque nunca existiram de fato em Varginha”, recorda Edna Miyoko Yano, uma das fundadoras e voluntária ativa da associação.



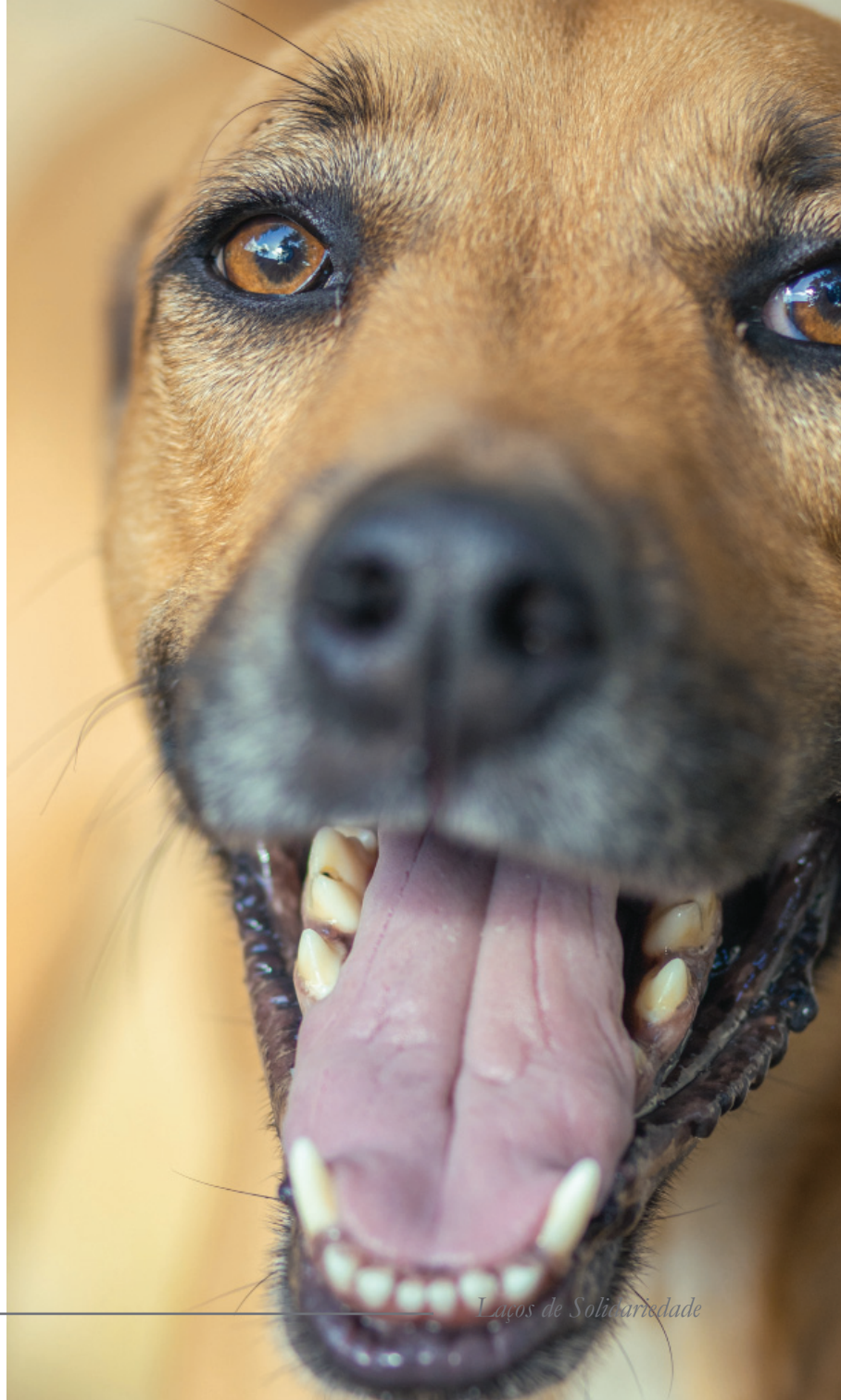
O nome “3A” carrega um propósito: ser voz e força em defesa dos animais da cidade. Desde o início, o grupo se estruturou de forma totalmente voluntária. “Ninguém recebe nada, todo mundo faz por amor”, diz Edna. Sem sede física, a associação concentra esforços em algo maior: pressionar o poder público por políticas efetivas de controle populacional, castração, chipagem e educação.

Hoje, o município ainda enfrenta desafios graves. O abandono de cães e gatos é constante e, mais recentemente, o número de cavalos soltos nas ruas também preocupa. “A gente acredita que sem educação não muda nada. Educação, educação, educação... é o primeiro passo”, reforça Edna. A 3A defende que as campanhas educativas e de conscientização sobre maus-tratos estejam em todos os lugares, dos outdoors às traseiras dos ônibus, para lembrar à população que abandono é crime.



A associação também luta pela chipagem em massa, fundamental para identificar e controlar a população animal. “Varginha não sabe quantos cães e gatos tem. Só temos ideia pelos números da vacinação antirrábica, e ainda assim, são os domiciliados. E os que vivem nas ruas, quem conta?”, questiona. Para além da militância, há o cotidiano silencioso das protetoras: mulheres que abrem suas casas, dividem o pouco que têm e se tornam abrigo. Edna, por exemplo, vive com quinze cães. “A maioria das protetoras banca tudo do próprio bolso. Castração, ração, veterinário. A gente não consegue fingir que não viu um bicho sofrendo na rua”, diz.

Ela reconhece que o problema é sistêmico. “Por lei, todo animal abandonado é de responsabilidade do município”. Essa sobrecarga, explica, reflete o vazio de políticas públicas e a falta de estrutura para o atendimento gratuito e acessível, especialmente para famílias de baixa renda. “Como uma pessoa que não tem carro vai levar o animal pra castrar em dia útil, se trabalha o dia todo?”, pergunta.





A 3A se define como um coletivo, uma rede de solidariedade que se forma entre voluntárias e cidadãos dispostos a ajudar. As ações variam: rifas, arrecadações, feiras de adoção. Tudo com o mesmo objetivo: reduzir o sofrimento e cobrar o Poder Público.

As pessoas envolvidas na causa são majoritariamente mulheres, e Edna vê nisso um símbolo de resistência. “O cuidar é muito do feminino. A gente cuida do bicho, do filho da vizinha, do pai, da mãe. E, por isso mesmo, a sociedade machista ainda chama a gente de louca, como se defender bicho fosse algo menor.” Ela ri, mas o tom é firme. “Não é loucura, é amor. E amor também é política.” Apesar das conquistas, Edna

confessa que, muitas vezes, sente estar “enxugando gelo”. “A gente continua vendo abandono, ninhadas em caixas, maus-tratos. É uma luta que parece não ter fim.” Ainda assim, ela insiste na causa, porque acredita que o caminho da mudança passa por um compromisso coletivo. “Enquanto o Poder Público não enxergar os animais como parte da cidade, a gente vai continuar remando sozinha”, termina.

A 3A é uma das mais jovens entre as entidades de proteção animal de Varginha, mas a sua voz ecoa forte. É o grito de quem, entre amor e dedicação, continua acreditando que toda vida importa.

VOCÊ PODE AJUDAR. ENTRE EM CONTATO:



Alegria – FERMAVI
Rua José Thomaz Lara, 299.
Parque Rinaldo, Varginha – MG.
+55 (35) 2105-5800
Redes Sociais:
@fermavieletroquimica

**ASPAS (Associação de Promoção
e Assistência Nossa Senhora de
Guadalupe)**
Rua Nossa Senhora de Fátima, 221.
Parque Urupês, Varginha – MG.
Redes Sociais:
/aspas

Bernhard Johnson
Avenida José Benedicto de
Figueiredo, 80. Vila Verde, Varginha
– MG.

Casa de Apoio Dr. Gilson Beltrão
Avenida Presidente Kenedy, 83.
Bom Pastor, Varginha – MG.
+55 (35) 99731-5919
Redes Sociais:
/drgilsonbeltrão

Eu Escolhi Amar
Rua Trinta e Um de Março, 200.
Jardim Andere, Varginha – MG.
+55 (35) 99887-3690
Redes Sociais:
@euescolhiamarvarginha
Fundação Aprender
Rua Dr. Wenceslau Braz, 700.
Centro, Varginha – MG.
+55 (35) 3222-1214
Redes Sociais:
@fundacaoaprender

FUVAE

Rua Dr. José de Rezende Pinto, 114.
Vila Pinto, Varginha – MG.

+55 (35) 3221-1342

Reders Sociais:

@fuvae.apae.varginha

Lar São Vicente de Paulo

Avenida Francisco Navarra, 221.

Centro, Varginha – MG.

+55 (35) 3222-5130

Redes Sociais:

@larsaovicentevga

Nossa Senhora do Rosário

Rua Hortência Peres Lúcio, 240.

Jardim Áurea, Varginha – MG.

+55 (35) 3212-1800

OÁSIS

Rua João Leite Alvarenga, 135.

Vila Verônica, Varginha – MG.

+55 (35) 3212-1011

Redes Sociais:

@oasis_varginha

Oficina do Ser

Rua Joaquim Caetano, 30.

Padre Vitor, Varginha – MG.

+55 (35) 99891-7298

Redes Sociais:

@oficinadoser.ods

Pró-rim

Rua Álvaro Mendes, 771.

Bom Pastor, Varginha – MG.

+ 55 (35) 99749-4895

Redes Sociais:

@prorimvarginha

Vila Isabel

Rua Walter Frederico Silva, 120.

Canaã, Varginha – MG.

Vida Viva Varginha

Rua Alzira Magalhães Barra, 166.

Parque Boa Vista, Varginha –

MG.

+55 3690-2900

Redes Sociais:

@vidavivavarginha

3A de Proteção Animal

Redes Sociais:

@associacaodeamigosdosanimais



Mesa Diretora

Presidente

Marquinho da Cooperativa

Vice-presidente

Pastor Faustinho

Secretário

Dudu Ottoni

Vereadores

Alexandre Prado

Ana Rios Fontoura

Bruno Leandro Coletor

Cássio Chiodi

Dandan

Davi Martins

Dudu Ottoni

Joãozinho Enfermeiro

Marquinho da Cooperativa

Miguel da Saúde

Pastor Faustinho

Rogério Bueno

Thulyo Paiva

Zé Moraes

Zilda Silva

Varginha/MG, Dezembro de 2025.

Produção de texto, edição e diagramação:

Versão Br – Comunicação e Marketing

Esta publicação foi autorizada pelos responsáveis das associações e pessoas atendidas. A distribuição do livro é gratuita e estará disponível na versão digital no site da Câmara Municipal de Varginha: <https://varginha.mg.leg.br>. O objetivo desta edição é preservar o acervo cultural e histórico da cidade. Agradecemos a participação direta e indireta de todos que fizeram parte deste projeto.



Laços de solidariedade

Organizações Sociais de Varginha



**CÂMARA
MUNICIPAL DE
VARGINHA**